



# História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro  
(Organizadora)



# História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro  
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Karine de Lima

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : diálogos contemporâneos 3 /  
Organizadora Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR:  
Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-39-3

DOI 10.22533/at.ed.393201002

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Bôscaro, Ana Paula Dutra.  
CDD 900.7

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, o livro *História: Diálogos Contemporâneos* apresenta-se como um importante espaço de intercâmbio cultural e científico. Ao articular as relações que se estabeleceram no passado e que continuam vigentes no presente, o livro abarca assuntos relevantes e que dialogam com diferentes áreas do conhecimento, propiciando discussões em entorno de questões políticas, sociais e culturais.

De modo cada vez mais sistemático, a historiografia tem se empenhado em desenvolver novas possibilidades investigativas. Os autores aqui reunidos, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas, colaboram com o processo de construção do conhecimento histórico. Seus trabalhos, resultados de pesquisas originais, dialogam entre si e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes assuntos.

No livro estão reunidas análises que dissertam sobre o uso da literatura e da narrativa nos estudos históricos; Trabalhos que refletem sobre o papel do ensino no contexto atual e sobre os diversos embates enfrentados por seus profissionais nos espaços escolares e nas universidades; Debates sobre questões relativas ao passado escravocrata e suas permanências nas relações sociais; Migrações forçadas no contexto atual, dentre outros temas que promovem um frutífero diálogo entre passado e presente.

Em síntese, a obra nos ajuda a compreender de que modo as marcas do passado se manifestam em nossa experiência atual. Desta feita, esperamos que a leitura dos capítulos que por ora se apresentam possam ampliar os conhecimentos e instigar novas pesquisas históricas. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaró

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
RELATOS MEMORIAIS E RELATOS TESTEMUNHOS: O EXEMPLO DE ANTÔNIO PIGAFETTA (1491-1534)	
Michel Kobelinski	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
MARIA GRAHAM: A POLISSÊMICA NARRATIVA DA ESCRITORA INGLESA, SOBRE OS BRASIS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO OITOCENTOS	
Denise Maria Couto Gomes Porto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
CAPITALISMO, COMUNISMO E A HISTÓRIA DO FUTURO: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE “A MÁQUINA DO TEMPO” DE H. G. WELLS (1895)	
Pedro Nogueira da Gama	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
MANOEL BOMFIM E MANUEL DE OLIVEIRA LIMA: A AMÉRICA LATINA SOB DIFERENTES PARADIGMAS RACIALISTAS	
José Geraldo Dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>54</b>
ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR	
Janessa Pagnussat	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
AS INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE ROUSSEAU NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	
Heloíse Montagner Coelho	
Thieser da Silva Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS, MONOPARENTALIDADE E O FENÔMENO ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA À PERSPECTIVA DE RICHARD GARDNER	
Ronaldo da Costa Formiga	
<b>DOI 10.22533/at.ed.3932010027</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
ESCRITAS DE SI: A PRODUÇÃO TEXTUAL NARRATIVA DESENVOLVIDA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL E IDENTITÁRIA	
Tuany Maria Rodrigues Gonçalves Cianelli	
Bruna Sieiro Borges	
Fernanda Iglesias Webering	

Cláudia Cristina Mendes Giesel  
Flávia Maria Farias Baptista da Cunha  
**DOI 10.22533/at.ed.3932010028**

**CAPÍTULO 9 ..... 101**

UMA BASE CURRICULAR PARA TEMPOS NEOLIBERAIS

Gustavo de Faria Lopes  
José Elias Domingos Costa Marques  
Renato Gomes Vieira

**DOI 10.22533/at.ed.3932010029**

**CAPÍTULO 10 ..... 112**

A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PEQUENOS VÍDEOS COM O INTUITO DE PROMOVER O DEBATE RELACIONADO À TEMAS RELEVANTES ÀS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS E O PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

Aline Kelly da Silva Faria  
Madalena da Silva Faria

**DOI 10.22533/at.ed.39320100210**

**CAPÍTULO 11 ..... 118**

DESCONSTRUÍNDO ESTEREÓTIPOS SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Lucas Cardoso de Moura

**DOI 10.22533/at.ed.39320100211**

**CAPÍTULO 12 ..... 126**

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A UNIVERSIDADE: UM ESTUDO HISTÓRICO

Oscar Edgardo N. Escobar

**DOI 10.22533/at.ed.39320100212**

**CAPÍTULO 13 ..... 139**

HISTÓRIAS DA PSIQUIATRIA NO BRASIL E AS INTERDIÇÕES AO USO DE ÁLCOOL E DROGAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Ana Maria Cardachevski

**DOI 10.22533/at.ed.39320100213**

**CAPÍTULO 14 ..... 153**

A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O CASO DO MOVIMENTO MÍDIA SEM MÁSCARA E O USO IDEOLÓGICO DAS FONTES

Natalia dos Reis Cruz

**DOI 10.22533/at.ed.39320100214**

**CAPÍTULO 15 ..... 162**

MORRER NEGRO EM JACUTINGA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS FUNEBRES DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Ana Francisca Vasconcelos da Silva

**DOI 10.22533/at.ed.39320100215**

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>170</b>
DA RODA DOS EXPOSTOS AO MERCADO DE TRABALHO Claudia Alves d`Almeida <b>DOI 10.22533/at.ed.39320100216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>179</b>
A DINÂMICA ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA JUSTIÇA COLONIAL DO NORTE DE MOÇAMBIQUE (1930) Inajá Reis Costa <b>DOI 10.22533/at.ed.39320100217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>191</b>
ENTRE SEMENTES E FRUTOS: DOM JOÃO DA MATA ANDRADE E A ROMANIZAÇÃO EM MANAUS (1941-1948) Elisângela Maciel <b>DOI 10.22533/at.ed.39320100218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>202</b>
MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS FORÇADOS E QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC) Tatiane Sant'Ana Coelho Reis <b>DOI 10.22533/at.ed.39320100219</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>212</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>213</b>

## ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR

Data de aceite: 04/03/2020

**Janessa Pagnussat**

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Santa Maria – RS

<http://lattes.cnpq.br/3717122113904588>

Data de submissão: 10/12/2019

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo apresentar os elementos que constituem a narrativa em Ricoeur. Nos deteremos a descrever a relação ricoeuriana com a aporia do tempo em Santo Agostinho por meio do Livro XI das *Confissões* e com o *mythos* aristotélico a partir da Poética. Ricoeur cria um paradoxo entre estes dois conceitos para justificar a configuração da narrativa. Nesse sentido, descreveremos a interpretação do *mythos* por Ricoeur como o tecer da intriga em que os fatos são agrupados a fim de compor um enredo narrativo. Assim, aproximando a narrativa com a literatura, há uma relação entre história e ficção, em que o personagem da história narra os fatos concordantes e discordantes a fim de torná-la mais interessante. Neste viés, a narrativa em Ricoeur constitui a identidade de cada sujeito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo. Mythos. Mimese. História. Narrativa.

### ELEMENTS FOR CONSTRUCTION OF THE IDENTITY CONCEPT NARRATIVE IN PAUL RICOEUR

**ABSTRACT:** This paper aims to present the elements that constitute the narrative in Ricoeur. We will stop by describing the ricoeurian relation with the aporia of time in Saint Augustine through Book XI of the *Confessions* and with aristotelian *mythos* from *Poetics*. Ricoeur creates a paradox between these two concepts to justify the configuration of the narrative. In this sense, we will describe Ricoeur's interpretation of *mythos* as the weaving of intrigue in which facts are grouped together to compose a narrative plot. Thus, bringing the narrative closer to literature, there is a relation between history and fiction, in which the character of the story narrates the concordant and discordant facts in order to make it more interesting. In this regard, Ricoeur's narrative constitutes the identity of each subject.

**KEYWORDS:** Time. Mythos Mimesis. Story. Narrative.

### 1 | INTRODUÇÃO

Neste texto, será exposta a teoria da identidade narrativa em Paul Ricoeur a partir dos pressupostos teóricos colhidos nas filosofias de Santo Agostinho e de Aristóteles, tal qual

abordados em *Tempo e Narrativa I*<sup>1</sup>. Apesar de o Livro XI das *Confissões*<sup>2</sup> de Santo Agostinho e a Poética de Aristóteles constituírem obras completamente diferentes, escritas em épocas diferentes, Ricoeur as utiliza e as complementa.

Na primeira seção, a partir da aporia do tempo proposta por Santo Agostinho e descrita em *TN I*, Ricoeur utiliza o tempo para determinar a identidade narrativa. Então, cada vida humana se refere a uma história que será narrada. A história de vida de cada um se baseia em um enredo, em que se busca sempre a interpretação do si-mesmo<sup>3</sup>. Por isso, levando em consideração que, para Santo Agostinho, a extensão do tempo é a distensão da alma, Ricoeur afirma que o tempo só pode ser medido a partir da narrativa.

Já na segunda seção, será tratado acerca da teoria aristotélica. Na obra Poética, de Aristóteles, o *mythos* se baseia na vida em ação. Assim, Ricoeur entende o *mythos* como o tecer da intriga que determina o enredo da história de um personagem. O enredo é o mediador entre as ações que ocorrem e a história que é narrada. Nesse sentido, os fatos são agrupados de tal maneira a compor um enredo e a narrativa, determinando a história de vida de cada pessoa.

## 2 | A APORIA DO TEMPO EM SANTO AGOSTINHO

Ricoeur faz, logo no início de *TN I*, uma releitura do Livro XI das *Confissões* de Santo Agostinho, e traz a aporia do tempo para a teoria da identidade narrativa (*TN I*, p. 19). Uma narrativa é descrita a partir dos acontecimentos que ocorreram em um tempo passado. Porém, como é possível medir o tempo? Como associar sucessivamente os acontecimentos narrados? Ao final de *Tempo e Narrativa III*<sup>4</sup>, Ricoeur retoma a aporia do tempo como justificativa para a narrativa, em que só é possível medir o tempo quando narrado (*TN III*, p. 417-418).

Em *TN I*, Ricoeur faz um recorte utilizando a pergunta agostiniana: “Que é, pois, o tempo?” (*Conf.*, XI, 14, 17), dando maior ênfase para o problema proposto pelo filósofo de Hipona acerca do tempo. Além disso, ele afirma que os filósofos, Platão e Aristóteles, não conseguiram explicar a aporia do tempo, como Santo Agostinho procurou explicar (*TN I*, p. 20). A concepção de tempo apresentada em *Conf.* XI é uma das maiores discussões do pensamento filosófico de Agostinho. Ele procura

1 RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa - Tomo I**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994. Utilizaremos a abreviação *TN I* para nos referirmos a essa obra ao longo do presente texto.

2 AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Pimentel. Lisboa: Edição da Lusosofia, 2001. Utilizaremos a abreviação *Conf.*, seguida da indicação do livro em número romano e a do capítulo e a do parágrafo, ambos em algarismos indo-arábicos, para nos referirmos a essa obra ao longo do presente texto.

3 Quanto ao “si-mesmo”, remetemos a identidade entendida como eu e como Outro presente na teoria ricoeuriana.

4 RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa - Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997. Utilizaremos a abreviação *TN III* para nos referirmos a essa obra ao longo do presente texto.

conceituar o tempo a partir de reflexões e questionamentos tentando encontrar o que é a essência do tempo e como ele pode ser medido.

Podemos sentir o tempo, mas, no momento em que tentamos explicá-lo, percebemos que não temos meios suficientes para tal. Em um primeiro momento, não parece possível conceituar o tempo. Santo Agostinho afirma que o passado não é mais, o futuro ainda não é e o presente é algo que continua passando, sendo que o presente de agora se tornará passado no instante seguinte, e, portanto, já não será mais (*Conf.*, XI, 16, 21). Dito de outra maneira, Agostinho questiona-se sobre o estatuto ontológico dos três momentos temporais que percebemos, a saber, passado, presente e futuro, e descobre que apenas o presente possui, de fato, existência. Contudo, descobre também que o presente é fugidio, não permanecendo no ser mais do que um instante. Então, Santo Agostinho indaga sobre a possibilidade de se medir o tempo. Porém, como medir algo que não é mais? O tempo é, em grande medida, não-ser (ROSA, 2009, p.14).

Ricoeur afirma, ao analisar a teoria agostiniana, que a linguagem natural utilizada por Santo Agostinho pode ser entendida ao dizermos que o passado já foi, o futuro será e o presente é (ROSA, 2009, p.15). O problema está na medição do tempo: como podemos medi-lo? Se o passado não é mais, e o futuro ainda não o é, somente pelo presente é possível medir o tempo. Agostinho reitera sua afirmação do presente e atesta que somente o presente é digno de medição, já que o passado pode ser contado pela memória, e o futuro, pensado por meio da expectativa (*Conf.*, XI, 28, 37). Isso significa dizer que passado e futuro, para existirem, devem se relacionar de alguma maneira ao tempo presente, o único dotado de ser.

A narrativa das coisas passadas é considerada verdadeira na medida em que é possível afirmar, no tempo presente, que algo foi visto ou narrado no passado. Dentro dessa perspectiva, o passado e o futuro podem existir. O passado existe na medida que deixa imagens na memória de quem o viveu, as quais o fazem recordar do próprio passado; por exemplo, a infância citada por Santo Agostinho (*Conf.*, XI, 18, 23). Já as imagens do futuro são sentidas no presente. Portanto, a medição do tempo pode ser feita apenas no presente, pois apenas este é dotado de existência.

Porém, o tempo presente não possui extensão, não sendo, portanto, possível afirmar que ele seja longo ou curto. Também não é possível atribuir extensão ao futuro, já que, mesmo ao se pensar em um futuro longínquo, esse sempre será reduzido ao instante presente, de sorte que o longo tempo de cem anos vai se reduzindo a cinquenta anos, até não passar mais de um mero instante (*Conf.*, XI, 28, 37). Então, como continuar a sustentar que esse futuro continue sendo um futuro longo? Como afirmar a extensão, se o presente de agora será o passado daqui a não mais um instante?

Santo Agostinho retoma uma teoria já presente na *Física de Aristóteles*<sup>5</sup>, e discorda quanto ao tempo ser nada mais do que a medida do movimento. Agostinho

5 Cf. ARISTÓTELES. Fis. IV, 10-14.

afirma que, mesmo quando não há movimento, percebemos a passagem do tempo. Portanto, o tempo não pode ser apenas resultado do movimento, mas pode ser medido pelo movimento de um corpo. Ou também, e aqui vemos a originalidade de Agostinho, pelo repouso de um corpo (*Conf.*, XI, 24, 31). Além disso, o tempo pode ser medido pelo espaço (*Conf.*, XI, 26, 33). Porém, o presente não possui espaço e nenhuma extensão. Então, como o presente pode ser medido? Podemos dizer que pelo simples fato da passagem do tempo podemos medi-lo (*Conf.*, XI, 16, 21).

De maneira sutil, Santo Agostinho abandona a investigação sobre os tempos passado e futuro, passando a abordar a noção de coisas passadas e a de coisas futuras (ROSA, 2009, p. 16-17). Com o passado, Ricoeur relaciona à narrativa, ao ato de narrar coisas passadas; e, com o futuro, ao ato de prever coisas futuras. Possuímos imagens do passado e do futuro impressas em nossa alma (*Conf.*, XI, 18, 23). Contudo, apesar de não ser possível conceber o passado e o futuro, o tempo é uma sucessão de instantes. Não que o tempo seja definido como sucessão, mas determinado por uma continuidade. O presente carece de dimensão, mas se distende ao que não existe e vai em direção ao que ainda não existe, ou seja, ao passado e ao futuro. Então, a narrativa é responsável por determinar o presente. Por isso, Ricoeur afirma que “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (*TN I*, p.15).

Santo Agostinho determina que o tempo pode ser medido pela distensão da própria alma através de três operações (*Conf.*, XI, 28, 37): a expectativa (futuro), a atenção (presente) e a memória (passado). Por isso, falar sobre um futuro longo remete a uma longa espera do futuro, espera essa que se dá no instante presente. Da mesma maneira, um passado longo, a uma longa memória do passado, que também se dá no instante presente. Conforme o presente vai passando, a expectativa vai se tornando memória (*Conf.*, XI, 28, 37).

Para Agostinho, no presente, é possível medir a expectativa do ato que está por vir. No instante presente, há a atenção, que faz a vinculação da expectativa e da memória. A atenção no momento presente faz com que a expectativa de tempo vá diminuindo e vá incluindo na memória o ato passado. Então, é possível medir o tempo sempre no instante presente, porque o passado e o futuro não existem. Mas, como isso é possível?

Quando dizemos que medimos o tempo, não é propriamente o tempo o que medimos, mas os movimentos da nossa própria alma enquanto expectativa e memória. Por isso, o que pode ser medido através da atenção são a expectativa e a memória que estão sempre presentes. É essa articulação entre a expectativa e a memória que Agostinho utiliza para medir o tempo. A lembrança está sempre no presente, pois não é possível lembrar de algo no ontem. Quando lembramos, lembramos agora, no momento presente. Então, dado que o que seria entendido como extensão do tempo nada mais é do que distensão da alma, as coisas passadas e as coisas futuras ficam

gravadas na alma devido à distensão da própria alma (ROSA, 2009, p.19-20).

Santo Agostinho resolve o problema sobre a extensão do tempo partindo da prerrogativa de que a alma pode se distender. *Distentio animi* pode ser traduzido por distensão da alma, já que *animi* é genitivo singular de *animus*, que significa mente. A mente é formada por três faculdades: memória, inteligência e vontade (*De Trin.*, X, 11, 17)<sup>6</sup>. A memória remete ao passado, a inteligência se relaciona com o presente, e a vontade com o futuro. A noção de *distentio* não remete ao espaço e por isso, à materialidade, podendo, assim, ser atribuída à mente, que não é algo material. Já a noção que remete a espaço é *extentio*, não *distentio*. A extensão remete às três dimensões, quais sejam: altura, largura e profundidade. Mas não é necessário que algo extenso possua as três dimensões, mas que possua alguma delas. Já não ocorre o mesmo com a distensão. Se pensarmos em um elástico de cabelo<sup>7</sup>, ele possui determinada medida. Ao segurá-lo pelas extremidades e o puxar, ele estica e se distende, assumindo novas medidas. Assim ocorre com a distensão da alma: é como se pudéssemos esticar a memória. Não que a memória acesse o passado em si, mas ela se “estica”, se distende no presente aos fatos passados nela armazenados, de maneira que podemos, no presente, medir esse “esticamento”, e, assim, dizemos que medimos o passado. O mesmo ocorre com a expectativa em relação ao futuro.

Agostinho realiza uma importante distinção entre o que é medido e o conteúdo do que é medido. O que é medido é a memória e a expectativa. Já o conteúdo, as coisas passadas e as coisas futuras, respectivamente. Com essa distinção, é possível afirmar, sem contradição, que a memória e a expectativa só existem no instante presente, mesmo que seus respectivos conteúdos remetam ao passado e ao futuro, tempos esses que não possuem ser. Portanto, se trata da distensão da memória que vai acumulando a lembrança daquilo que já foi, e a distensão da expectativa daquilo que ainda não é (*Conf.*, XI, 29, 38). Por isso, só o que pode ser medido ocorre no instante presente, apesar de este ser inexplorável, pois quando me dou conta, ele já passou e, portanto, já é passado. Mas, no presente, posso medir a distensão tanto da memória quanto da expectativa.

Somente o ato de recordar é presente; por isso, o passado não é medido. O que é medido é o presente, não como interno ao eu, mas como processos do eu a partir das duas distensões, memória e expectativa. Então, o tempo está no próprio eu e, dessa maneira, pode ser medido. Assim, nem o passado nem o futuro são medidos. Além disso, a medição do tempo independe das coisas externas. Por exemplo, o movimento do sol é importante para marcarmos o tempo, mas o movimento do sol não é o tempo. Assim, também Ricoeur critica o movimento dos astros, que fora citado por Santo Agostinho (*TN I*, p.31-32). Por isso, a noção de tempo é independente do

6 AGOSTINHO, Santo. **De Trinitate**. Trad. Arnaldo do Espírito Santo/ João Beato / Maria Cristina Pimentel. Edição da Lusosofia. Prior Velho, 2007, X.

7 Evidentemente, um elástico de cabelo é, ao contrário da alma, algo material e, portanto, dotado de extensão. Contudo, feita essa ressalva, a imagem do elástico se distendendo contribui para a compreensão dessa questão em Agostinho.

movimento dos astros (*Conf.*, XI, 23, 29), pois a medição do tempo é distensão da própria alma.

Tanto para Ricoeur como para Santo Agostinho, a cosmologia não está relacionada à distensão da alma, já que parece um absurdo dizer que o movimento dos astros influencia na medição do tempo (*TN I*, p.31). Caso isso fosse possível, quando os astros se movimentam mais rapidamente, o dia seria mais curto? Parece contraditório afirmar algo assim.

A concepção de tempo de Santo Agostinho se baseia na medição do tempo somente no presente. Isso é possível na medida que o tempo está no sujeito e na medida que o tempo se constitui na *distentio animi*. Por isso, em Santo Agostinho, “a expressão *distentio animi*, quando restrita à consciência interna, não só marca a distinção em relação ao giro dos corpos celestes (tempo do mundo), mas também é diferente em relação à atividade cognitiva de apreensão primária dos objetos exteriores à consciência” (ROSSATTO, 2016, p. 286).

Ricoeur relaciona *intentio* e *distentio animi* como dois traços marcantes para a aporia do tempo (*TN I*, p. 22). Ao tratar da *intentio*, Santo Agostinho remete a intenção do presente, ou seja, ver o presente como o presente é. É a apreensão do presente calcado na atenção, através da inteligência. Então, só é possível adquirir lembranças do passado por meio da atenção, calcado na memória. A *distentio animi* é a possibilidade, por meio da vontade, de se estender ao futuro, por meio da expectativa, e ao passado, por meio da memória, de sorte que, com isso, passado e futuro possam aparecer no presente. Nesse sentido, compreende-se que, “ao designar o presente distendido, já está indicando a presença da *intentio*; e ainda: que a *distentio* é o seu contrário ou inverso” (ROSSATTO; BOTTON, 2011, p. 121).

Ainda no âmbito das *Confissões*, no Livro VIII, Santo Agostinho apresenta o argumento de que a vontade tem que se auto-ordenar por meio de três ações: a vontade pode querer, desquerer e não querer algo. Além disso, pode realizar as três ações ao mesmo tempo. A autodeterminação da boa vontade é possível, e querê-la é possuí-la. Nesse sentido, a vontade é a base da expectativa: querer, desquerer e não querer algo.

Devido ao acúmulo de coisas presentes<sup>8</sup> na alma pela memória e pela expectativa, ela se distende, tanto para o passado quanto para o futuro. Portanto, “é neste âmbito que a alma se dilata e se narra a si mesma, isto é, tece a trama dos acontecimentos passados já armazenados na memória e, deste passado, se projeta em direção ao futuro” (ROSSATTO, 2016, p. 291). Assim, ocorre a relação agostiniana na teoria de Ricoeur.

Ricoeur trata da narrativa como o ato de narrar, interpretar e compreender as ações acontecidas no passado. O passado é narrado a fim de estabelecer a relação

---

8 Neste caso, não nos referimos ao acúmulo de coisas materiais, pois isso remete à materialidade, a qual não se justifica na teoria agostiniana. A distensão da alma em Santo Agostinho ocorre pela distensão da memória e da expectativa no presente, como exposto anteriormente.

entre o tempo e a história do personagem da ação. Dessa maneira, Ricoeur conceitua a existência do tempo a partir do ato de narrar, ou seja, o tempo só existe quando os fatos são narrados, constituindo uma história de vida. Mas, a narrativa precisa ser inteligível para que ocorra a representação do tempo (CESAR, 2014, p. 91).

Porém, o que precisamos esclarecer é que, na teoria agostiniana, ao tratar da *distentio animi*, Santo Agostinho aponta para um movimento individual da própria alma de cada ser humano. Contudo, Ricoeur “transpõe o âmbito da consciência interna quando assume, com o próprio Agostinho, a poética não só como paradigma da narrativa autobiográfica senão que também da narrativa historiográfica” (ROSSATTO, 2016, p. 292). Ou seja, a narrativa vai além da vida individual de cada pessoa, envolvendo também a narrativa de todos os seres humanos.

Por isso, Ricoeur em *TNI* associa o tempo com a *Poética* de Aristóteles de modo a conceituar a identidade narrativa, relacionando a história e a ficção. O fato de trazer o passado para o presente através da narrativa constitui a mímese<sup>9</sup>, não simplesmente como imitação, mas como criação inteligível das ações passadas. Nesse sentido, justifica-se uma análise a esse respeito.

### 3 | O TECER DA INTRIGA A PARTIR DA POÉTICA DE ARISTÓTELES

Ao contrário de Platão, Aristóteles (1984) observava a metafísica com olhos de naturalista. Na obra *Poética*, Aristóteles trata da imitação como um conceito filosófico sempre baseado em algo. Segundo ele, além de possuímos o poder de imitar, temos o prazer da apreciação.

A obra *Poética* é composta por anotações das aulas de Aristóteles registradas em torno de 335 a.C. a 323 a.C. Ele analisa a poesia, seus gêneros e suas características. A imitação poética é dividida em três, sejam, os meios (metro, canto e ritmo), o objeto (meios diversos, tragédia, comédia) e o modo (diretamente à pessoa) (1448a, III, § 19). Levando em consideração a imitação como a mais importante das artes (DRUCKER, 2016, p. 65), a poesia surge pelo homem ser o mais imitador de todos os animais e porque ele se compraz na imitação. A imitação é levada em conta quando ocorre em nossa experiência. Os homens que imitam a tragédia são denominados superiores, pois se diferenciam pela virtude. Desta forma, Aristóteles retrata que a tragédia é composta pelo “mito” (*mythos*), caráter, elocução, pensamento, espetáculo e melopéia (1450a, VI, § 8). Nesse sentido, a tragédia retrata o *mythos* que é a composição dos atos (1450a, VI, § 5) e que possui começo, meio e fim (1450b, VII, § 26). A tragédia é uma narrativa bem representada quando possui peripécias, as quais tornam a história mais trágica. O poeta pode imitar, como narrativa, assumindo o papel dos personagens a partir das ações das próprias pessoas. Na tragédia, as ações são apresentadas por

<sup>9</sup> Embora haja discordância entre os tradutores acerca da grafia correta dessa palavra (DRUCKER, 2016, n. 2, p. 75), optamos aqui por uma forma transliterada que preserve a sílaba tônica do original grego.

meio de personagens de aspecto importante, mas ocorrem intrigas fazendo com que o episódio tome destaque.

As ações não são unas, pois “muitas são as ações que uma pessoa pode praticar, mas nem por isso elas constituem uma ação una” (1451a, VIII, § 18). Então, o poeta narra o que irá acontecer levando em consideração a verossimilhança e a necessidade (1451a, IX, § 32). Aqui a relação com o tecer da intriga na teoria de Ricoeur, e a maneira como os episódios são narrados. Os episódios não precisam ser necessários nem verossimilhantes. Ricoeur afirma que “a intriga com episódios” é “aquela em que os episódios se seguem [e não se encadeiam] sem verossimilhança nem necessidade” (TN I, p. 70).

Porém, antes de prosseguirmos, precisamos evidenciar algumas passagens mais relevantes em que Aristóteles conceitua o *mythos* na *Poética*, sendo que algumas já foram citadas no presente texto. Inicialmente, Aristóteles afirma que “por ‘mito’ entendo a composição dos fatos” (1450a, VI, § 5). Posteriormente, as seguintes passagens melhor definem o *mythos* aristotélico que estamos dissertando aqui: (1450a, VI, § 15) à (1450b, VI, § 4); (1451b, IX, § 33) à (1452a, IX, § 1); (1452a, X, § 11) à (1452a, X, § 21); (1452b, XI, § 28) à (1452b, XIII, § 30); (1456a, XVIII, § 10) à (1456a, XVIII, § 19) (WARTELLE, 1985, p.171-176).

Eric Downing (1984) enumera cinco sentidos para a palavra *mythos* em Aristóteles. Destacamos, aqui, alguns dos mais importantes que são o que ele chama de “*muthos(f)*” e “*muthos(pi)*”, assim definidos:

*muthos(f)*: fábula, ou he synthesis ton pragmaton. Enquanto o *muthos(s1)* representa a totalidade dos eventos relatados em uma sequência simplesmente ordenada ou reconstituída de forma cronológica, *muthos(f)* é a mesma totalidade de eventos relatados, mas em sua exposição ou representação -- naquela sucessão ordenada em que são apresentados na obra, e naquela conexão em que sua apresentação é feita.

*muthos(pi)*: he mimesis tes praxeos. Uma transição intencionalmente escolhida, e não determinada externamente, de uma situação a outra, a qual a peça tenta representar (como sua ‘ação’). (DOWNING, 1984, p. 178)

Segundo Downing, o primeiro sentido “*muthos(f)*”, se encontra nas seguintes passagens da *Poética*: (1451a, VIII, § 30) à (1451a, VIII, § 35) e (1456a, XVIII, § 25) à (1456a, XVIII, § 32). Já o segundo sentido “*muthos(pi)*” se localiza em (1451a, VII, § 12) .

O *mythos* é responsável pela inteligibilidade da narrativa, além de, a partir dele, ser possível compreender a ação. O *mythos* é a imitação da ação, como criação, e não como o ato de imitar. Este conceito presente na obra de Aristóteles se aproxima da mímese tratada por Ricoeur e que ele o traduz como o tecer da intriga do personagem da história, sendo que, “chamamos de narrativa exatamente o que Aristóteles chama de *muthos*, isto é, o agenciamento de fatos” (TN I, p. 63). Assim, a narrativa é composta

pela pluralidade de acontecimentos, que possuem concordância e discordância. A discordância é fundamental para dar ênfase à trama da intriga.

Na Poética de Aristóteles, o tempo é demonstrado de maneira mais lógica através da intriga. Utilizando-se das teorias de Santo Agostinho e de Aristóteles acerca do tempo, Ricoeur o associa com a narratividade e, então, a partir da narrativa, o tempo pode ser demonstrado. Para Ricoeur, a aporia do tempo de Santo Agostinho só pode ser resolvida com a narrativa, já que “é na Poética de Aristóteles que Ricoeur buscará o modelo de narratividade exigido como contrapartida da aporética da temporalidade” (ROSSATTO; BOTTON, 2011, p. 134). Ocorre que “o imitar será entendido, doravante, como narrar, e a narrativa será basicamente um momento da vida” (DRUCKER, 2016, p. 76).

Por isso, Ricoeur conceitua a concordância-discordante se baseando nas teorias do tempo de Aristóteles e Santo Agostinho. Ele afirma que o tempo da alma é algo discordante, pois cada alma controla o tempo de maneira diferente, dependendo do estado psíquico que ela está vivendo. Sendo assim, sob as mesmas condições, o tempo pode estar sendo medido de forma particular por cada um e de maneira distinta. Nesse sentido, o tempo pode ser algo particular e narrado de acordo com determinada narrativa espaço-temporal. Já na *Poética* de Aristóteles, o *mythos* é a representação invertida do paradoxo agostiniano a partir da síntese concordância-discordante.

Ricoeur, ao afirmar, que a vida é vivida e as histórias são narradas, estabelece uma relação entre a história e a ficção, em que uma história de vida pode ser remodelada e narrada como o personagem da história a idealiza. Para ele, a veracidade quanto a história narrada corresponder aos acontecimentos factuais não está em questão. Apesar da aceitabilidade de sua teoria com a realidade factual, o que importa é a história que o sujeito narra e não se a história aconteceu de fato. Os significados envolvidos são o que interessam na história, já que a mesma pode ser narrada de diferentes maneiras e apontando para significados distintos. A ordem dos fatos narrados implica o significado que a história adquire. Por isso, a narrativa nos ensina a viver e ela é essencial para nós e para os outros, pois ocorre uma troca mútua de experiências vividas.

Nesse sentido, para relacionar a narrativa histórica e a narrativa ficcional, Ricoeur em *TN I* descreve a prefiguração, a *configuração* e a *refiguração*. A *prefiguração* se baseia nos sistemas simbólicos que dão significado a narrativa, a pré-compreensão do mundo e da ação, em que o sujeito é o personagem no campo prático de sua própria história. A *configuração* são os fatos narrados de forma a compor um enredo. Já a *refiguração* é definida por Ricoeur, como o ato de leitura, onde o leitor ou ouvinte interpreta as experiências narradas. Nesse sentido, a tríplice mimese é abordada por Ricoeur como um ciclo de mimeses, a partir da transformação da cultura quando a narrativa “retorna” a ela.

Nesse sentido, a compreensão do si se dá a partir da narrativa de histórias inteligíveis e aceitáveis. A narrativa ocorre em um espaço-tempo designado por Ricoeur

como “aqui” e “agora”, e por isso, compartilham do mesmo espaço cultural em que estão inseridos. Através da narrativa têm-se uma aproximação com as experiências do sujeito.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, procurou-se demonstrar a contribuição de Aristóteles e Santo Agostinho no pensamento de Paul Ricoeur para a construção da identidade narrativa. Ricoeur aborda em *Tempo e Narrativa I* a aporia do tempo presente no livro XI das *Confissões* de Santo Agostinho e do tecer da intriga na *Poética* de Aristóteles.

Abordamos a dimensão temporal agostiniana e a contribuição trazida por Ricoeur quanto ao tempo no ato de narrar. Para Santo Agostinho, o tempo pode ser medido pela alma, já que o tempo está presente no sujeito e não depende das coisas externas a ele. A *distentio animi*, traduzida como distensão da alma, traz a distensão do presente quanto às coisas passadas e às coisas futuras, através da expectativa e da memória. Da mesma forma, Ricoeur trata acerca da aporia do tempo para a construção da identidade narrativa. Ele aborda o tempo agostiniano para relacionar com a narrativa, já que para ele o tempo só pode ser medido quando narrado. Nesse sentido, o tempo que é narrado no presente traz a lembrança das coisas passadas e a expectativa quanto às coisas futuras.

Ricoeur cria um paradoxo entre as *Confissões* de Santo Agostinho e a *Poética* de Aristóteles acerca do tempo e a teoria do *mythos*. A contribuição aristotélica no pensamento ricoeuriano é descrita na segunda seção. O *mythos* presente na obra aristotélica possui aproximações com o conceito de “mímese” definido por Ricoeur.

O *mythos* aristotélico é traduzido por Ricoeur como o tecer da intriga, ou seja, é um agrupamento de fatos que formam a narrativa. Assim, forma-se o enredo que dá origem a história de vida de cada pessoa. Da mesma forma como a tragédia aristotélica possui peripécias, a narrativa também possui imprevistos ou fatos discordantes que compõem a história. Então, ocorre a concordância-discordante, em que os fatos são narrados de forma concordante, porém, é necessário que haja um fato discordante para tornar a narrativa interessante e dar ênfase a história narrada. Para tanto, a inteligibilidade e a verossimilhança são importantes para a narrativa possuir coerência com a realidade.

Os fatos são narrados de maneira contingente para o narrador, não correspondendo necessariamente a ordem cronológica em que os mesmos aconteceram. Além disso, Ricoeur compara a narrativa com a literatura. Então, a narrativa medeia o mundo do personagem e o mundo do leitor, em que ocorre a relação entre história e ficção. Portanto, a identidade narrativa é a relação entre história e ficção, e se aproxima da construção da identidade pessoal, em que Ricoeur admite ao final de *Tempo e Narrativa III*, e, posteriormente, em *O si-mesmo como outro*.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Maria Cristina Pimentel. Edição da Lusosofia. Lisboa, 2001, XI.
- AGOSTINHO, Santo. **De Trinitate**. Trad. Arnaldo do Espírito Santo/ João Beato / Maria Cristina Pimentel. Edição da Lusosofia. Prior Velho, 2007, X.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Coleção Os Pensadores. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984.
- ARISTÓTELES. **Física I e II**. Prefácio, tradução, introdução e comentários, Lucas Angioni. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2009.
- DOWNING, Eric. ΟἶονΨυχή: An Essay on Aristotle's "Muthos". **Classical Antiquity**, Califórnia, v. 3, n. 2, p. 164-178, 1984.
- DRUCKER, Claudia. A narrativa como gênero literário - Ricoeur e a Poética. In: NASCIMENTO, Cláudio Reichert do; WU, Roberto (orgs). **Pensar Ricoeur**. Porto Alegre: Clarinete, 2016. p. 279-299.
- CESAR, Constança Marcondes. Mythos e História em Paul Ricoeur. **Revista Estudos Filosóficos** [versão eletrônica], São João del-Rei, n. 13, p.87-94, 2014.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa - Tomo I**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa - Tomo II**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa - Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.
- RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como outro**. Trad. Ivone C. Benedetti. 1ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- ROSA, José M. da S. **Da identidade narrativa: Paul Ricoeur, leitor de Santo Agostinho**. Edição da Lusosofia. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2009, p. 1-55.
- ROSSATTO, Noeli Dutra; BOTTON, João Batista. In: LEONHARDT, Ruth Rieth; CORÁ, Elsie José (orgs). **O Legado de Ricoeur**. Guarapuava: Unicentro, 2011, p. 111-150.
- ROSSATTO, Noeli Dutra. Existência e narração: Agostinho na leitura de Ricoeur. In: NASCIMENTO, Cláudio Reichert do; WU, Roberto (orgs). **Pensar Ricoeur**. Porto Alegre: Clarinete, 2016. p. 279-299.
- WARTELLE, André. **Lexique de la "Poétique" d'Aristote**. Paris, 1985.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Administração da Justiça 179, 180, 183

África Austral 202, 203, 204, 209, 210, 211

Africanos 47, 49, 51, 122, 134, 135, 162, 163, 164, 166, 173, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 203, 207, 208, 209, 210

Alienação Parental 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89

América Latina 1, 8, 9, 11, 14, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 127, 128, 129, 137, 155

Anticomunismo 153, 155, 156

Ascensão Social 33

Assistência 145, 147, 151, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 197, 206

### B

Base Curricular 101, 104, 108

Brasil Colônia 126, 129, 130, 138, 212

### C

Colônia de Moçambique 179

Constituição Federal 65, 66, 70, 71, 72, 73, 75, 106

Cotidiano Escolar 112, 113, 116, 117

Cultura 8, 9, 19, 22, 23, 25, 38, 44, 48, 51, 62, 76, 79, 81, 90, 91, 94, 95, 96, 100, 106, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 129, 130, 135, 138, 169, 177, 178, 181, 182, 183, 201

### D

Deslocamentos forçados 202, 203, 206, 207, 209, 210

Diálogos Contemporâneos 15, 26, 40, 54, 65, 77, 90, 101, 112, 118, 126, 139, 153, 162, 170, 179, 191, 202, 212

Diocese 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Dom João da Mata 191, 192, 194, 199, 200, 201

### E

Educação 33, 34, 36, 42, 47, 51, 67, 91, 96, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 126, 128, 129, 130, 131, 134, 137, 138, 142, 148, 152, 161, 173, 174, 177, 178, 181, 182, 189, 194, 199, 204, 209

Educação Superior 33, 106, 110, 126

Escravidão 71, 118

Estado 2, 23, 29, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 88, 102, 103, 112, 128, 129, 131, 135, 143, 147, 148, 149, 151, 156, 157, 158, 160, 169, 174, 179, 180, 182, 183, 188, 192, 196, 197, 201

Estereótipos 118, 121, 123, 124, 125, 207

Extrema-Direita 153, 155

## F

Família Contemporânea 77, 78, 79

Fontes 15, 16, 17, 18, 25, 38, 39, 64, 100, 124, 151, 153, 156, 160, 162, 177, 178, 183, 185, 187, 189, 201

Formação Médica 139

## G

Gênero 7, 8, 10, 19, 20, 28, 39, 64, 86, 92, 94, 144, 175, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 202, 204, 205, 206, 209, 210

## H

História da psiquiatria 149, 151

## I

Identidade 5, 8, 9, 10, 12, 25, 54, 55, 60, 63, 64, 78, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 106, 113, 153

Ideologia 43, 72, 78, 79, 88, 110, 136, 153, 156, 158, 173

Igualdade Racial 112

Infância 1, 56, 148, 158, 170, 172, 176, 177, 178

## J

Jean-Jacques Rousseau 23, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74

## L

Literatura 1, 2, 3, 13, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 36, 39, 42, 45, 54, 63, 68, 96, 100

## M

Manaus 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Manoel Bomfim 40, 41, 42, 43, 45, 50, 51, 52

Manuel de Oliveira Lima 40, 41, 43, 45, 50, 52

Maria Graham 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25

Matrizes Afro-brasileiras 112, 114

Migrações 202, 206, 208, 209, 210, 211

Mulher viajante 15

## N

Narrativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 15, 22, 35, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 118, 122, 123, 132, 156, 157, 158

Neoliberalismo 101, 102, 103, 110, 155

## O

Oralidade 1, 3, 5, 6, 7, 13, 14, 91, 93

## P

Paul Ricoeur 54, 63, 64

Poder 4, 6, 8, 13, 14, 16, 32, 49, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 99, 102, 103, 109, 115, 127, 131, 135, 137, 140, 146, 156, 157, 176, 179, 184, 187, 188, 192, 196, 209

Práticas Fúnebres 162

## R

Relatos memoriais 1

## S

Santa Casa de Misericórdia 170, 172, 174, 176, 177, 178

Santo Antonio de Jacutinga 162, 165, 166, 167, 168

Século XIX 25

Século XX 139

Sociedade 12, 14, 29, 33, 37, 41, 42, 48, 67, 68, 69, 70, 76, 81, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 170, 171, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 212

## T

Teoria da História 8, 26, 189

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**